



## **CINEMA NA ESCOLA: ESTRATÉGIA DE REFLEXÃO DAS QUESTÕES DE GÊNERO EM SALA DE AULA**

Lívia Santos Neri<sup>1</sup>

Eduardo Frederico Luedy Marques<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta a conceituação de um projeto extensão que visa articular a linguagem do cinema, em seu potencial estético e cultural, com algumas concepções vigentes sobre juventude e estereótipos de gênero, tem como público professores e estudantes (rapazes e moças) de uma escola pública do Ensino Médio na cidade de Feira de Santana-BA. O objetivo é desenvolver espaços de diálogos acerca dos conflitos e tensões vivenciadas pela juventude, estimulando-os a análise, reflexão e interpretação de mensagens e valores veiculados através de linguagens audiovisuais. Metodologia: promoção de cines-debate, ciclos de experimentação e oficinas de formação continuada em linguagem audiovisual, uma proposta significativa que faz parte da realidade dos alunos e pode auxiliar na práxis pedagógica diária do professor.

Palavras-chave: Educação, cinema, gênero, juventude.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Pedagogia, bolsista I.C/ Pibex da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), liviasneri@gmail.com

<sup>2</sup> Professor-doutor do Departamento de Educação, Coordenador do projeto de extensão "Cinema na Escola: Jovens protagonistas da Dinamização Cultural" da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) . eluedy@gmail.com

## **Introdução**

Refletir acerca de temáticas tais como, juventude, gênero dentre outros nos remete a quebra de paradigmas, num universo que paradoxalmente propõe mudanças e ao mesmo tempo corrobora com a reprodução do velho, esse lugar a escola. Um lugar no qual emergem conflitos, um organismo que está intrinsecamente ligado à sociedade. A escola por se tratar de um espaço sócio-cultural, desempenha grande influência na construção de identidades e das perspectivas de futuro dos jovens, que envolvem a construção de “um projeto de vida” e a compreensão e definição de si mesmo. Porém, tem-se percebido o quanto que as escolas se distanciam dos jovens e de suas culturas, a começar pelas linguagens e metodologias de ensino utilizadas que são conteudistas e pouco atrativas.

As relações de gênero, por sua vez, constituem-se um importante fator de (re) produção de diferenças e desigualdades sociais, uma vez que, as identidades juvenis, são construídas e reconstruídas de maneira complexa e processual, neste aspecto o gênero, a classe social e etnia são elementos condicionantes e determinantes das perspectivas e oportunidades futuras dos jovens. Densamente influenciados pela escola e pela mídia, os jovens perpassam na construção das identidades de gênero, por estes instrumentos de reprodução da perspectiva político-ideológica dominante. Corroborando desta forma, para a manutenção de estereótipos dos papéis sociais imputados ao homem e a mulher, nos quais, simbolicamente a identidade masculina vai se construindo de forma hegemônica, associada à força e ao exercício do poder, enquanto a identidade feminina é delineada pelo viés da fragilidade, submissão e maternidade.

A proposta deste trabalho de extensão entre Universidade e a escola básica é aliar a linguagem do cinema, em seu potencial estético e cultural, para promover debates entre professores e estudantes do ensino médio acerca de questões e tensões vivenciadas por jovens em torno das questões de gênero, contribuindo com os processos de socialização e discussão dos principais conflitos e tensões que perpassam a vida do jovem contemporâneo.

## **Conceitos e metodologia: projeto de extensão**

Participamos de um Projeto de Extensão que tem como objetivos promover processos críticos e criativos de produção de sentido em torno dos principais conflitos e tensões vividos pelos jovens contemporâneos (inserção social, conflitos de gênero, classe, raça, orientação sexual, violência), utilizando a linguagem do cinema como canal de diálogo entre estudantes e professores do Ensino Médio e a escola.

O caminho teórico metodológico elencado neste projeto de utilização do cinema como arte- educação terá como base, a pesquisa bibliográfica e iconográfica de sinopses e resumos de filmes e literaturas que tratam da temática. Seguido por pesquisa e delimitação de filmes que abarquem os temas geradores: juventude, gênero e perspectivas de futuro. Os encontros semanais e a promoção de cines-debate estão sendo realizados a priori com professores do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino, contribuindo para a formação continuada bem como, para ampliar o leque de possibilidades de recursos didáticos audiovisuais, diversificados a serem utilizados em sala de aula.

As atividades serão realizadas de forma a contribuir com os processos de promoção de reflexões sobre os estereótipos de gênero que permeiam as relações cotidianas configurando-se desta forma como uma atividade de caráter formativo, ao transcender aspectos de construção do conhecimento da maneira tradicionalista, numa proposta inovadora que faz parte da realidade dos alunos. Propiciando uma visão ampliada do cinema na oportunidade de propor debates e reflexões que, possam incrementar na prática pedagógica diária do professor instrumentos que incitem aprendizagens, numa linguagem que envolva e estimule a capacidade crítico reflexiva dos alunos.

### **Desenvolvimento**

Num espaço efervescente de conflitos de naturezas múltiplas chamado escola, encontra-se em processo de formação e informação uma categoria social específica, a juventude e seus atores os/as jovens, estes por sua vez ,tem o histórico marcado pela negação de direitos , opressão esquecimento e por muito tempo pereceram (e ainda perecem) a margem da sociedade.A juventude agora considerada categoria social é nascida das novas condições sociais advindas da era industrial e da modernidade,

---

<sup>3</sup> Projeto de Extensão “Cinema Na Escola: Jovens protagonistas na dinamização Cultural “em desenvolvimento entre os anos de 2011- 2012, pelo Programa Institucional de Bolsa Extensão (PIBEX)da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

e entendida, a partir desses como um grupo de indivíduos em processo formativo ,uma construção ideológica que uma determinada sociedade elabora para classificar seus membros. Nesse sentido, não existiria apenas uma maneira de expressar a juventude, mas, sim, diversas, nas palavras de Livia De Tommasi (2007) buscamos uma (in) definição para a juventude(s) e os seus atores;

Jovens que não são “problemas” nem “solução”, que vivem seu cotidiano e procuram um espaço, um tempo, uma forma, uma linguagem para expressar seus desejos, suas dores e alegrias, suas demandas e sentimentos, suas diferenças e diversidades, buscando ser ouvidos, ou, simplesmente, ser visíveis. Que vivem e convivem com crianças, adultos, idosos e constroem com eles os sentidos de suas narrativas e trajetórias de vida. Que procuram espaços e tempos de autonomia, afirmação, resistência, entre as políticas e os programas de controle e de “gestão da pobreza”, e a violência quotidiana com a qual convivem. Espaços e tempos da pluralidade de sujeitos, experiências e trajetórias de vida.(DE TOMMASI, 2007 p.18)

É no período escolar que a juventude entendida como período de transição para a vida adulta que os jovens tornam-se visíveis, Pena (2007) ressalta que “ ... a categoria social da juventude é concebida a partir de sua negatividade , daquilo que ainda não é denegando , assim a importância do tempo vivido no presente para sua formação ...” (PENA,2007 p.61), A referida autora ainda discorre que existem especificidades dentro da categoria juventude que precisam ser levadas em conta, pois para além dos pré-requisitos para a efetivação da passagem para o mundo adulto , tais como conclusão dos estudos básicos, inserção no mundo do trabalho e constituição de uma família , a juventude é heterogênea por isso não se limita ao viés etário para defini-la, Dayrell (2007) nos lembra que ao tratarmos de jovens,pobres e negros

[...] há uma vinculação à idéia do risco e da violência, tornando-os uma “classe perigosa”. Diante dessas representações e estigmas, o jovem tende a ser visto na perspectiva da falta, da incompletude, da irresponsabilidade, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é de fato, o que pensa e é capaz de fazer.(DAYRELL,2007 p.50)

Estes dentre outros contextos interferem na relação da escola com a juventude prevalecendo na escola à visão do jovem projetada para o futuro, além da representação preconceituosa e negativa dos mesmos. Podemos inferir diante de exposto que a função atribuída a escola, atualmente não é apenas formar indivíduos para o mercado de trabalho, mas sim, formar o individuo na sua totalidade, para que este possa se desenvolver e atuar criticamente na sua realidade e se inserir na sociedade,

através das relações com o outro. De acordo com Barbosa e Giffin (2007) ao se trabalhar com jovens:

[...] é de fundamental importância considerar os campos da cultura, arte e das expressões criativas para a construção de pontes entre o saber formal e o saber prático e a elaboração coletiva de valores éticos que fortaleçam a noção e o sentimento de pertencimento social e cidadania. (BARBOSA e GIFFIN, 2007, p.553).

Entendemos que os jovens são intimamente influenciados pelos meios de comunicação no que concerne, aos modos de se comportar, modos de ser, e, conviver em diferentes grupos sociais, ressaltando que ante a globalização, mesmo que de maneira pontual os jovens têm acesso à linguagem audiovisual como cinema, televisão e redes sociais. É importante destacar que a escola ainda subqualifica o uso das linguagens midiáticas como possibilidades pedagógicas, talvez por não saber como explorar o potencial subjetivo e objetivo intrínseco nestes recursos.

O cinema em sala de aula, por exemplo, pode ser utilizado como estratégia de reflexão de questões fundamentais da cultura juvenil, como as relações de gênero, violência, sexualidade dentre outros aspectos relevantes na formação integral do/da jovem, auxiliando na discussão sobre algumas questões que permeiam o cotidiano juvenil as quais, são relativamente invisibilizadas no espaço escolar, pois de acordo com Dayrell (2007) “A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta.” (DAYRELL, 2007 p.50), dessa forma para cumprir seu papel formador, necessita considerar que os/as jovens estão num período de conhecer a si e se relacionar com outros e com o mundo.

No entanto no contexto de transformações pelas quais, passa a sociedade em geral, a escola talvez por não saber como interferir, mediar ou acompanhar o processo de quebra de paradigmas, ainda legitima estereótipos e fomenta preconceitos quando, impõe um tipo de conhecimento pré-estabelecido, muitas vezes distante da realidade juvenil, de suas experiências de vida de seus anseios, e expectativas.

A condição juvenil no espaço-tempo, bem como, suas identidades, são (re)construídas de maneira complexa e processual, as identidades de gênero por sua vez, se constroem intimamente ligadas aos contextos sociopolíticos em que os indivíduos vivem. Visto que “A juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria e para a sociedade.” (ABRAMO, 1997 p.30), sobre este aspecto destacamos que mesmo nas pesquisas acerca da juventude em geral, é perceptível uma lacuna, quando tratamos da

presença feminina nas manifestações político-culturais no cotidiano juvenil, legitimada por vezes pela perspectiva político-ideológica dominante arraigada na escola, uma instituição socializadora corresponsável, depois da família, pela formação deste ser humano.

Neste sentido, apesar da percepção das mulheres acerca da sua opressão ser antiga na história da humanidade, somente na década de 1960 que se impulsionou, um movimento social tendo em vista, lutar por direitos iguais entre os gêneros, de acordo com Barbosa e Giffin (2007) :

o conceito de gênero vem se contrapor à explicação que justifica o papel de inferioridade social da mulher em função de seu papel na reprodução biológica, denunciando que este lugar de submissão tem causas históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais definidas e pode ser, portanto, transformado.(BARBOSA e GIFFIN,2007p.551)

Destacamos neste aspecto a visão direcionada da mulher no contexto juvenil, delineadas pelo viés da sexualidade e afetividade nos grupos, os quais, elas que fazem parte, e referências sobre a maternidade na adolescência, contribuindo dessa forma para a manutenção de estereótipos e preconceitos machistas. Tal enfoque desconSIDERA diferenciais de condições de vulnerabilidade entre homens e mulheres, nos quais determinadas condições econômicas, materiais, políticas, sociais e geracionais são fatores em muitos casos determinantes das perspectivas e expectativas juvenis, visto que é impossível estudar uma categoria social desvinculada desses fatores.

Adicione e estes temas o fato de ser jovem e mulher numa sociedade ainda machista e sexista visto que, as relações de gênero configuram-se num importante fator de (re) produção de diferenças e desigualdades sociais. Sob esta ótica Weller (2005) apud McRobbie e Garber(1975) inferem que

Sendo o desvio sexual a única exceção possível, as mulheres constituem uma categoria social pouco celebrada pelos teóricos críticos e radicais. Essa invisibilidade geral instalou-se obviamente devido à reação social às manifestações mais extremas das subculturas juvenis. A imprensa popular e a mídia concentraram a atenção nos incidentes sensacionalistas associados a cada cultura [...] Uma consequência direta do fato de serem sempre os aspectos violentos de um fenômeno que o qualificam como uma notícia válida é que precisamente nesse campo de atividades subculturais as mulheres tendem a estar excluídas. (WELLER, 2005 p.108)

Diante do exposto percebemos que, ainda prevalecem os estereótipos que relacionam a maternidade, a timidez e a contenção ao universo feminino das culturas juvenis, segundo Weller (2005), emerge a necessidade de evidenciar a realidade, anseios e perspectivas de jovens do sexo feminino e de jovens do sexo masculino que fazem

parte de uma mesma categoria social, a juventude, mas que são submetidas a condições e oportunidades diferenciadas. Assim a Pedagogia necessita considerar que, o espaço escolar, é propiciador de relações sociais entre os indivíduos que o ocupam, estas pessoas são ativas nas ações cotidianas, e envolvem alianças, imposição de normas, conflitos, estratégias, transgressões, dentre outros aspectos que contribuem incisivamente na construção dos saberes e desenvolvimento desses sujeitos.

Partindo do preceito que, ensinar é uma relação humana de troca aberta entre educadores e educandos, Freire (1996) é imprescindível, contudo que se crie um ambiente problematizador e com recursos que instiguem a elaboração de novas visões de mundo e construção e reconstrução de identidades. É exatamente nesse paradoxo de reprodução e reconstrução que o cinema pode ser utilizado como estratégia de reflexão sobre as questões de gênero na sociedade, segundo Napolitano (2009) o cinema constitui-se uma das experiências mais fortes nas sociedades de massa.

Desta forma para além de diversão e entretenimento ou recurso meramente ilustrativo, a linguagem cinematográfica voltada para o campo da Educação, parte do panorama de que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.” (DUARTE, 2006 p.17), é um recurso com uma variedade imensa de signos e símbolos que se entrelaçam nas telas e monitores.

Carregados de ideologias, estereótipos, caricaturas, modos de ser e viver etc. um filme é capaz de suscitar diversas questões cotidianas, sociais e históricas ao mesmo tempo possui um caráter educativo que precisa ser explorado pela escola, considerando o potencial de transformar, informar e até mesmo deformar e manipular opiniões, influenciando e interferindo na cultura, atitudes, política de uma sociedade, Fischer(2005) sublinha que

os debates a partir de produtos da mídia podem ser extremamente ricos, na medida em que as temáticas e as respectivas linguagens midiáticas, ao serem discutidas, expõem as contradições que todos vivemos, põem o dedo nas feridas que estamos sofrendo; por fim, abrem espaço para que se produza pensamento, que se criem idéias para além do que parece estar “enraizado em nós”.(FISCHER,2005 p.65)

A abordagem tecnológica não deve passar despercebida pela escola, para que possa adaptar-se e inserir-se nessa nova era da comunicação e informação precisa reformular suas práticas educativas, seus currículos e principalmente preparar seus educadores para essas mudanças, dando-lhes autonomia para criar e ousar no seu fazer

pedagógico em sala de aula, a linguagem cinematográfica na escola é de grande relevância na aprendizagem dos estudantes, por se tratar de uma linguagem que desperta o interesse dos jovens e traz reflexões e interpretações que um texto impresso, por exemplo, não traz, tendo em vista que as imagens de um filme “falam” mesmo sem o recurso de áudio.

Historicamente as representações femininas no cinema prevaleceram por meio de estereótipos da visão patriarcal, assim de acordo com Gubernikoff (2009) apud Laurentis (1978) “pode-se dizer que a construção social da mulher, aquela trabalhada pelas diferentes mídias (seja por revistas e anúncios, seja por cinema e televisão) é baseada em critérios pré-estabelecidos socialmente e impõe uma imagem idealizada da mulher.” (GUBERNICOFF, 2009, p. 65).Entretanto pouco ou nenhuma atenção foi dada ao potencial subjetivo de aprendizagem fomentada através dos filmes nos quais estão incutidos relações de poder entre outros aspectos que ressaltam o papel do simbólico na construção das relações de gênero, transformando a mulher em objeto, anulando-a como sujeito e reafirmando seu papel social.

É válido ressaltar que a proposta de utilização do potencial reflexivo do cinema em sala de aula visa de alguma forma auxiliar a desmistificação do imaginário instituído para a mulher brasileira e amplamente disseminado nas escolas onde:

Durante décadas defendeu-se o baixo nível de educação da mulher brasileira em nome da família, garantindo, assim, a formação ideológica do indivíduo e reforçando a divisão de classes. Ao lado disso, a Igreja e o Estado ajudaram a reprimir e a reforçar o que já era imposto pela família. (GUBERNICOFF, 2009 P. 67)

Corroborando dessa forma para a manutenção do arquétipo romantizado da mulher e invisibilizando a revolução sexual interiorizando assim os conceitos divulgados pelo cinema clássico como se fossem sua própria identidade como afirma Gubernicoff (2009), ou seja, o cinema disseminou ideologias, valores e modos de ser e viver enraizados socialmente, e a mulher nesse contexto buscou/busca enquadrar-se nesses preceitos produzidos sob olhares masculinos.

O desafio da escola nesse sentido de (re) significação da utilização da linguagem cinematográfica será de desenvolver espaços de diálogos através de cine-debates propiciando aos alunos confrontar ideias e conceitos e preconceitos inerentes às culturas de gênero, assim como, contribuir para uma maior compreensão dos contextos sociais/relacionais a partir dos quais as/os jovens elaboram suas visões de mundo e constroem suas identidades.



Num período de afirmações, conflitos internos e externos, transformações corporais e sociais pelas quais passam os/as jovens, as crises de identidade sexual e de gênero configuram-se num processo de construção de si. Ao mesmo tempo estes sofrem nesse processo o impacto e a sedução das mídias, Louro (2008) destaca que

Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais. (LOURO, 2008 p.18)

Concluimos a partir desta discussão que o cinema sempre tem um caráter formativo independente, advindo da “ impressão de realidade” própria desta arte, visto que. Por um lado, é subjetiva, emocional, fantasiosa. Por outro, é objetiva (pois nossos olhos vêem as imagens), racional (pois os filmes, geralmente, contam uma história a ser compreendida pelo espectador) e realista (pois a encenação nos transporta para outras realidades).” (NAPOLITANO, 2009 p.12)

## **Algumas considerações Finais...**

Podemos concluir em consonância com Weller (2005 ) que

o gênero não é algo que adquirimos naturalmente, mas que produzimos no dia-a-dia. Em outras palavras, o gênero é constituído de forma interativa e situacional; ele é discutido (ou não) num contexto e numa interação específica nos quais as pessoas envolvidas assumem distintas representações de gênero. (WELLER, 2005 P.113)

Sem a pretensão de ditar fórmulas prontas, sugerimos aqui operar o cinema como um olhar diferenciado, para além da ilustração. Entendemos que a escola necessita de educadores que saibam a importância das novas tecnologias em sala de aula e utilizem essas ferramentas para mediar o conhecimento, construindo com os educandos uma relação do saber partilhado. Entretanto o cinema não pode ser abordado como um mero recurso didático com um fim em si mesmo, mas, como um método que amplia conhecimentos, independente do filme ou atividade que se pretende com ele, é proeminente que a discussão do mesmo tenha um sentido, uma contextualização, e que este não seja abordado como mero passa tempo.

Almejamos que com a mediação do professor, o aluno possa perceber sua realidade cotidiana, confrontando com as concepções vigentes sobre juventude, nos contextos relacionais e sociais nos quais o/a jovem está inserido, abarcando temáticas das diversas disciplinas num mesmo momento, em suma, o cinema é uma possibilidade pedagógica significativa, educativa, sócio histórica e cultural, que pode contribuir incisivamente na construção dos saberes e desenvolvimento desses sujeitos, vivenciando a educação como uma prática de libertação de todo e qualquer tipo de opressão, discriminação, injustiças sociais, entre elas as desigualdades de gênero

## Referências

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5-6, p.25-36, 1997.

BARBOSA, R.S; GIFFIN, K. **Gênero, saúde reprodutiva e vida cotidiana em uma experiência de pesquisa-ação com jovens da Maré, Rio de Janeiro**. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, v.11, n.23, p.549-67, set/dez 2007.

DAYRELL, Juarez. **Escolas e práticas educativas: Escola e práticas educativas: quando os jovens são atores** *IN: DEBATE – JUVENTUDES EM REDE: JOVENS PRODUZINDO EDUCAÇÃO, TRABALHO E CULTURA*, Brasília, SEED-MEC, 2007

DE TOMMASI, Livia. **ESPAÇOS E TEMPOS DE PARTICIPAÇÃO: Jovens brasileiros, espaços e tempos de participação política**. *IN: DEBATE – JUVENTUDES EM REDE: JOVENS PRODUZINDO EDUCAÇÃO, TRABALHO E CULTURA*, Brasília, SEED-MEC, 2007

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2002, 128p

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura**. *Cad. CEDES*, Abr 2005, vol.25, no.65, p.43-58. ISSN 0101-3262

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. *Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul*, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. *Pro-Posições*, Ago 2008, vol.19, no.2, p.17-23. ISSN 0103-7307

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. **Caderno de Cinema do Professor**. São Paulo, 2009

\_\_\_\_\_. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto 2005.

PENA, Patrícia Carla Alves. **A mão que segura o spray: A resistência, a identificação e a pedagogia dos graffiteiros de Salvador**. UNEB, Salvador. Tese de Mestrado, 2008.

WELLER, W. **A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível**. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 13(1): 107-126, janeiro-abril/2005.